# Sem Papas na Língua

Liah Albuquerque

2ª edição

Versum Editora

**Sem Papas na Língua**
**Liah Albuquerque**

**2ª Edição (2025)**
*Obra contemplada pela Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB).*

*Capa e diagramação:* Liah Albuquerque
*Revisão:* Profª Cláudia Unti

**Nota da editora:** *A revisão deste livro foi feita com base na variedade padrão da escrita do português em uso no Brasil, respeitando o uso de licença poética e as idiossincrasias da autora.*

1ª Edição – 2022

**Editora Versum**
(13) 99797-9458
www.editoraversum.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Albuquerque, Liah
Sem papas na língua / Liah Albuquerque. -- 2. ed. -- Louveira, SP : Editora Versum, 2025.

ISBN 978-65-87126-44-9

1. Crônicas brasileiras 2. Poesias brasileiras I. Título.

25-272651 CDD-B869

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira B869

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

**Prefácio**

*[...] com o peso da sua caneta*
*(a tinta encharca os olhos e escorre pelas mãos).*

Escrever com afetividade é mais do que alinhar palavras na folha em branco. Ato de escuta, de travessia e, em especial, de revelação. Do solo dos sentimentos, essa escrita deixa de ser apenas comunicação e ganha existência no mundo. Sustenta pausas, silêncios, rachaduras — marcas do vivido antes de ser explícito. A palavra não cabe ser explicada, mas sentida. Chega onde o discurso racional não alcança. *Eu tenho vida. Sou matéria-prima.*

*Grita a dor da alma. Não discursa — morre por dentro, um pouco, a cada silêncio.* Fraturas, fragilidades expostas contorcem-se em perguntas reverberando ser adentro: por que dói? O que ficou em mim daquele encontro? Qual a extensão daquela ausência? A poeta não quer fundar verdades; deseja, sim, encontrar-se com aquilo que pulsa dentro de si. Como busca, tentativa, a palavra emerge verdadeira sem dogmas e juízos. *Exsuda a seiva pelas feridas abertas [...] de repente, ela desperta.*

*Permita-me que eu te desfrute [...] ó solidão! Fiel, crua (e tão cruel) parceira.* A nudez não constrange mais a poeta — o invisível se instala. Nomeia-se o que até então era apenas sombra, memória dispersa, intuição vaga. Escrita é espelho. Revela o que pode estar oculto de nós mesmos. Faz-nos suportar o olhar daquilo que nos assusta em nosso íntimo como o escudo de Perseu refletindo o rosto de Medusa — não para destruí-la. Escrever com afetividade nos permite nos aproximar do indizível com certo cuidado, sem

sermos petrificados. Medusa, símbolo daquilo que foi calado, punido e distorcido, torna-se aqui imagem do que carregamos e evitamos nomear: dor, raiva, fúria, vergonha, desejos e cicatriz. Ao partimos da sombra para a escrita, deixamos de fugir. Damos corpo-palavra ao silêncio. Um encontro, por vezes doloroso, em que a palavra se torna caminho de cura; e a escrita, um ato de libertação. *A luz d'aurora a acorda e os lampejos da solidão de outrora foram embora.*

*Sem Papas na Língua* se encontra com as vivências da juventude da poeta. O repertório de sua banda de rock progressivo, as performances com seu baixo — fiel companheiro — permite que a musicalidade transpire naturalmente em seus poemas, prosas poéticas e conto ao trazer a força e a sutileza de uma escrita que eclode em uma linguagem coloquial com requintes lexicais, tornando-a simbólica.

*Alguns discos riscados*
*Assim feita, refeita*
*Sempre inacabada é*
*A minha canção.*

A autenticidade de *Sem Papas na Língua* leva o leitor a se reconhecer no universo da poeta, sentindo-se à vontade para habitá-lo — um espaço comum pertencente a todos àqueles que não se escondem e nem se camuflam por detrás das palavras. Ao ler, o leitor se lê também — troca silenciosa em que a palavra cumpre seu papel: unir.

*O que fazer com tantas vírgulas em minha vida? [...] tenho certeza de que minhas exclamações têm sentido!*

A autora se dispôs a esse valoroso encontro consigo mesma... Agora, nesta segunda edição, mais uma vez ela nos estende a mão para nos dizer: *Venha, aqui é um lugar que eu já conheço.*

Prof.ª Cláudia Unti
*Especialista em Literatura, escritora, revisora, orientadora e contadora de histórias.*

Feita Para Mim. 7
Febo. 8
Noite Insone. 9
Migratória. 10
Rumo. 11
Ultramarino. 12
Estima. 13
Centelha. 14
Em Dourado. 15
Sublimação. 16
Quietude. 17
Sem Tino. 19
Hálito. 21
Tenaz. 22
Sibilos. 23
O Silêncio da (In) dignidade. 24
Roleta-russa. 25
Albumina. 26
Anemia. 27
Ecos. 28
Casa de Orates. 29
Pigarro. 30
*Wagasa*. 31
Óculos. 32
Balé. 33
*Hostel*. 34
*Glamour*. 36
Mona Lisa. 37
Antagonista. 38
Entretantos. 39
Disfarce. 40
Conto de Fadas. 42
Vide bula. 44
Surrealismo. 45
Reflexo. 46
Chama. 47
Preambular. 48
Ávida. 49
Sol da Madrugada. 50
Côncavo e Convexo. 51
Alfombra. 52
Vórtices. 53
Analítica. 54
É Verdade... 55
Nanquim. 56
Oásis. 57
*Déjà vu*. 58
Bell & Howell. 59
Película. 60
Inolvidável Amor. 61
Nova Pele. 62
Inevitável. 63
Juízo. 64
Verde Musgo. 65
Torrentes. 66
Desvalido. 67
Intacto. 68
Quem é você? 69
Saída de Incêndio. 71
Gutação. 72
Salto. 73
Espelho. 74
Em Linha Reta. 75
Degredo. 76
Recobro. 77
Aflora! 78
Futuro do Presente. 79
Apenas uma estação. 80
Ir. 81
Tempo. 82
Adágio. 83
Morada. 84
Novos Ares. 85
Trilha. 86
Folha em Branco. 87
Moto-contínuo. 88
Inteligível. 89

*Quando o silêncio deságua,*
*o sublime dá vazão às palavras.*

Apague todas as canções que possam vir à tona.

Imagine ser esta, agora, a única dentre outras tantas.

A chuva caindo (olhos dispersos em gotas de orvalho). Ao longe, tão somente piano e violino. As guitarras, em silêncio, só ouvindo *Unplugged* (em voz e violão).

Em outro tom, singelas notas do violoncelo acalmando o coração.

A luz, em graves e agudos
[ao fundo sorriram as fotografias da juventude, num conciso e eterno sim (intenso, suave e profundo)].

A vida, como sempre, plena e repleta de surpresas e boas lembranças.

## Febo

Altivo em céu aberto
Deixou marcas
Coloriu corpos

De repente foi embora
Branco se fez manto
Cintilante desencanto

Recolheu-se em descanso
Respeitando chegar em pranto
A chuva a nos amparar.

## Noite Insone

Chegas em silêncio total e absoluto.
[Tudo parece (e é) tão escuro...]

Fecho os olhos e sinto (ainda) teu cheiro.
Seguro tua lua [quase me escapa (branca e nua luz)].

De tudo esqueço e permaneço em ti, eterna noite.

Convida-me a uma dança,
como criança que sorri quando se banha na chuva.
As horas passam e me dou conta de quantas já se foram.

Quanto tempo...
(contínuo movimento).

E eu continuo aqui.

[Amanheceu]

*A noite se encerra.*
*As inquietações*
*permanecem*
*em silêncio*
*(por hora).*
*Adormecem*
*dentro*

*de nossas almas.*

## Migratória

Foge solitária.
Atravessa a serra, pousa em terras desconhecidas (se perdera no caminho).

Depois de muitos dias sobrevivendo às intempéries da vida, encontra companhia (algumas amigas que ciscam na areia em busca de alimento).

Vem mansa na madrugada, anunciando o amanhecer que se aproxima (é confundida com outras de sua espécie).

E assim, de tempos em tempos, desaparece no horizonte batendo suas asas (quando, na verdade, preferiria estar em solo firme).

[Revoada (ela ouve as doces notas das flautas, ainda tímidas, tocando sem parar)]

Não olha para trás até chegar ao seu derradeiro lar: o sertão das sanfonas [onde não há mais água, gado ou alazão (onde Luiz Gonzaga, encantado com seu canto, fez dela eterna Asa Branca numa canção)].

## Rumo[1]

Feito conta-gotas
Pinga aqui
Pinga ali
Todo dia

Transborda coração
Emboca na boca
Provoca reação

Um desvario

Realidade à tona
Uma a uma
Num tom afinado
Se faz presente

O olhar não mente
Ocupa espaço
Dentro da gente
E segue o curso do rio

[1] Poema feito em parceria com Cláudia Unti - 2017

## Ultramarino

Sempre por perto,
Ele me observa.

[Duas quadras abaixo]

Quase não o vejo,
Mas sei que está lá.

Sinto-me tão confortável...
A qualquer momento,
Ele pode me abraçar!

O sol se abre,
O vento sopra palavras,
E o medo vai embora.

Minha pele permanece clara;
Nem parece que o céu anda aberto
À minha espera.

A vontade de mergulhar de cabeça
E me envolver, antes que eu o esqueça,
Mantém meus pés firmes
Na areia que nos separa.

Ela o divide comigo
E é só por isso
Que eu
Fico.

## Estima

O amor é fundamental.

Nos processos dolorosos
[percalços, sofrimento e peculiaridades do cotidiano];
nas pequenas (imensas) coisas pequenas.

No caos, sentir-se amparado;
estar agasalhado
e amenizar o fardo.

O calor no coração afasta o frio indesejado
das nossas aflições.
É o ninho.

Um abraço fraterno aquece;
uma palavra terna fortalece.

[Pensamento sintonizado com a necessidade alheia]

Carinho, palavras de conforto;
poder contar com o outro.

Nossos presentes nesta vida são tão poucos...
Por isso, grandes amigos valem ouro.

## Centelha

Enquanto todos dormiam,
eu te observava (de olhos calados).

Sorrias para a lua
quando viraste pálida e insignificante poeira cadente
(perdeste o brilho próprio, de repente).

Estrela solitária,
apagada no céu desértico
(frio e nublado).

[E pensar que teu sonho era levar luz aos quatro cantos do mundo...]

Se posso fazer um pedido (e reza a lenda que sim),
por favor, não fujas e nem te percas de mim.

Minha janela está aberta (um velho hábito adquirido),
na esperança de ver-te fulgir.

[Eu sei que ainda estás aí]

## Em Dourado

O sol frio aquece
e traz sorrisos.

Presente inspiração,
tímida,
adormecida há dias.

Vagos sinais rodeiam
e aguçam os sentidos.

[Permeiam...]

Insanidade ou lucidez?

Talvez seja só o brilho
do olhar de outono que chega,
como um sussurro acinzentado e dourado,
pintando memórias ao vento.

## Sublimação

Sinta aquele sabor agridoce
de ser o sal da terra,
sem aquela dor que vem e dilacera.

Uma raiz que não se enterra e nem se esconde.

Há, sim, doçura em mim, em ti,
apesar dos tão poucos e tantos desgostos.

Somos o sopro da vida
buscando o melhor
dentro de nós.

Há sempre uma saída.

Um ato de amor
[o tom que muda tudo (e a cor deste nosso mundo)].

## Quietude

No remanso
Descanso sereno
Paz, sossego

Mudez reticente

(...)

[Silêncio]

*Não dá pra ficar em silêncio*
*ao que parece e (é) indigesto.*

## Sem Tino

A redoma agora é de vidro.
Quebram-se os nossos corações,
como peças de cerâmica estilhaçadas e espalhadas pelo chão.

Fomos reduzidos a cacos ásperos
(a cacofonia estoura os tímpanos dos mais sensíveis).
Perde-se a voz e o que nos resta são poucas sílabas,
ininteligíveis, escritas nas pedras.

Papiros substituídos
(nobres e caros demais para escritos medíocres, mensagens simples e banais).

Em solo firme, tudo se complica:
óstracos apontam os culpados.
O caminho torna-se difícil...
Caímos no asfalto criado pelos pobres de espírito.

No mar revolto, as ostras permanecem intactas
e as pérolas mantêm seu brilho.
Âncoras içadas
(as correntes não foram feitas para romper barreiras).

É possível que precisemos voltar ao princípio,
aos tempos da Grécia Antiga.
Banido o ostracismo (estamos perdidos e sem alternativas).
O caos da liberdade dada aos que governam em prol de si mesmos.

[As praças andam vazias, à espera de um pouco de juízo]

NUM MAR
ONDE SÓ HÁ
TUBARÕES
PEIXE PEQUENO
NÃO NADA: APRENDE A VOAR

## Hálito

Há sempre uma defesa apaixonada
por algo errado, ilícito, sujo — o mal deste mundo.

Olhos vendados.

Não há mesmo diferença se compararmos governos a seitas: fervor cego e descabido; intenções ocultas (implícitas).

Em cena, o ser humano.
Centenas, milhares de entusiastas ébrios
cambaleando na rua sem saber para onde vão.

Visão entorpecida pela embriaguez
E, mais uma vez, cai o pano.

Na televisão, feito teatro, a informação distorcida.
Apologia aos que não mereciam o tempo dispensado,
e nem tempo algum (desperdiçado).

Torpeza.
A realidade da realeza sem dignidade.
Falta total de respeito.
Distúrbio moral, ético, estético (discursos patéticos).

Apunhalando pelas costas, as mãos que apertaram o tal botão.
A boca, em carne viva.
Sangrando, a ferida aberta:
logo formará fina casca e, novamente, a casca de ferida.
Será ela extirpada?
Que nada! Faz parte do plano perverso de alguns canalhas.

[Uma questão de hábito (e mau hálito)]

## Tenaz

Não passam despercebidos
Os olhares sem juízo.

Não é coisa clandestina,
Como a felicidade de Clarice.
Isso, para eles, não existe.

É cobiça descarada,
Escancarada e estridente,
Da cabeça aos pés.

Eles cerram os dentes,
Lambem os beiços,
Mas não lambiscam a língua.

[O viés voraz da soberbia — e de todos os outros adjetivos]

O movimento,
Na tentativa de me tirar do eixo,
Só resvala, respinga.
Não me paralisa,
Ao contrário:
Me fortalece.

Não vou morder a isca:
Não me entrego assim, de bandeja.
[Sagaz, não caio mais em armadilhas]

A paz é uma conquista
E ela prevalece e reverbera — é tenaz.

Por fim, sem conflitos,
Saio de fininho, de soslaio,
Desse balaio de gato.

## Sibilos

Dança o tempo,
Tece o destino.
Inertes, presos na trama,
O desperdiçamos em batalhas vãs.

A vil serpente sibila em nosso peito.
Envenena a empatia.

[Egoísmo nunca foi sinônimo de respeito]

Erguemos muralhas altas
E palavras improfícuas não nos faltam.

Um espelho distorcido
Reflete a arrogância.

[Ego exacerbado (individualidade mascarada de liberdade)]

Cegos, desperdiçamos horas preciosas em conflitos sem sentido.

[A areia de nossa ampulheta está por um fio]

## O Silêncio da (In) dignidade

O sentimento é verdadeiro [de indignação e aviltamento].

Não é por uma questão de orgulho pessoal, mas por um princípio fundamental: o respeito.

É como olhar para um espelho e ver à sua frente o reflexo do descaso à originalidade alheia.

[Um espelho que distorce o valor do esforço criativo que sustenta cada palavra escrita com cuidado]

O silêncio, em prol da (in) dignidade [a verdade tarda, mas não falha].

Não tem jeito: é sobre o trabalho e esforço intelectual. É sobre cada hora dedicada à criação.

É quando a expressão individual foi tratada de maneira superficial e insignificante [é como ser mera fonte de inspiração], sem a devida consideração.

Não se trata de vaidade ou da busca por *status*, mas da preservação da singularidade [intransferível].

São as duas faces da fome [de um lado, o criador (do outro, o ser faminto)].

## Roleta-russa

No pulso, o relógio parado (amarelado).

Ele tenta olhar as horas [perdido nas tantas voltas que dera sem ao menos perceber que já era (tarde)].

Vago. Disperso.

Os livros na estante, empoeirados. Guardados um a um (sem indício de movimento).

Desalento. A poltrona (funda) afunda cada vez mais, esperando outro dia (um a mais).

Jaz nas curvas profundas de seus pensamentos [preso (em seu próprio peso)].
Braços caídos. Cabeça baixa (imersa).

[Corpo estendido]

Pulsa. Repulsa (a tudo).

[Roleta-russa]

Sua última brincadeira [sempre perversa (heroica, egoica, paranoica)].

Um giro... Um suspiro.

Nada é doce. Foi-se [ele e a foice].

Ela, tão desejada, à sua espera. Quem sabe é agora (por sorte).

[A morte]

## Albumina

A contagem é regressiva [o relógio aponta para cima (meio-dia)].

Persistente, o alarme apita e anuncia: devo ir embora [acertar a hora (e o caminho, pra variar)].

Há pessoas feridas e, antes dos curativos, os cortes precisos do bisturi [que rasga a pele e sangra a dor do dito-cujo (amor)].

Pulsos e batimentos cardíacos entrando no ritmo e a anestesia perdendo seu efeito [não haverá alta alguma desta vez (realidade nua e dura)].

Ônus e tônus (albumina reconstruindo aos poucos a massa muscular perdida).

Resiliência [se é que existe mesmo a capacidade de se recobrar das perdas facilmente (e nesta altura da vida... eu quase duvido)].

## Anemia

A massa cresce de madrugada na mesa enfarinhada.

Depois de assada é servida (ainda quente) provocando o virar dos olhos em deleite.

Há famintos (e gordura escorrendo pelos dentes e paredes).

Nem o barulho dos pratos sujos amiúde incomoda aquela gente sentada no balcão em meio a tanta confusão (*fast food*).

Tirados os pés do chão: vertigem.

Banco deveras alto e impróprio pra quem tem metro e meio de altura.

Rapidamente o desconforto — a falta de circulação nas pernas amortece os pensamentos, já lentos.

Ainda mastigando “o pão nosso de cada dia”,
é possível ver os copos expostos (mal-lavados) cheios de manchas de batom.

Feridas no canto da boca e o gosto amargo de café.
Não há açúcar e mais nada doce (logo chegará a hora do almoço).

Como de costume, o homem em frente à porta pede algum tostão.
A frase (de praxe): *Perdão, senhor... não tenho, não!*

A maioria permanecerá de barriga vazia: acabaram-se todas as economias.

De resto em resto, sobrevive-se à anemia.

## Ecos

Ficar sem chão
É não ter ação
E não saber pra onde se vai.

É vislumbrar o abismo
Sem ter reação alguma,
Despencar no precipício,
Descer ladeira abaixo
Até chegar ao fundo do poço.

É quase fugir da luta,
E ser congruente
Diante da incongruência.

É usar de artifícios,
De pleonasmos (ilegítimos)
E ir a fundo na dor funda e profunda.

É ter o coração dilacerado,
A alma corroída, desalmada.

É não encontrar uma saída,
Deixar de seguir instintos
E abandonar toda e qualquer eloquência.

[É ficar em total silêncio]

Viver assim não se vive (não se vive assim).
Isso não é viver [é morrer em vida (sem apreciar a lucidez de um novo amanhecer)].

## Casa de Orates

Ele suporta a disritmia (e os solavancos da vida).

Tem sido forte (até agora).

Falha o bombear do sangue (e a cabeça explode).

O ar (ainda) falta mesmo passadas oito horas de sono profundo.

Nada muda (nem a madrugada em silêncio).

Há quem diga que uma noite bem dormida diminui a pressão

[não fez diferença alguma (continua aquele chato zumbido)].

Sobreaviso (estranho aperto e descompasso).

Formigamento na língua (não fosse o roncar da fome teria passado despercebido).

Sensação estranha. Tudo parece parte de um plano (perverso).

A mente permanece inquieta [e quem carrega os ecos (e paga o preço) é o pobre coração (virado do avesso)].

## Pigarro

Um certo homem de cabelo branco (ralo) apontou-me sua bengala, como arma certeira, dizendo: *Ele mudou de nome: é o prego que leva ao caixão!* — ou algo parecido, do tipo “prego que fecha o caixão”.

Não importa. Fez (e faz) sentido.

Olhei para minha mão: eis ali o motivo daquela horrível exclamação. Perfume da morte. Lenta fumaça serpenteando e nublando o céu (fermentando, macerando o pulmão e a garganta).

Pose e olfato desapurados. O cabelo impregnado (odor fétido perpetuado ao longo do dia).

Num gesto desengonçado olhei pr´aquele senhor e, tentando me proteger da dura realidade e provável desfecho, em tom bastante envergonhado balbuciei um breve e discreto pigarro:

*Tens razão!*

Ele havia se distanciado
e eu permaneci cabisbaixa.

Meus passos mudaram — perderam
a velocidade — e o tempo de chegar
à padaria foi longo e bem diferente
do habitual: grilhões impediam
o meu livre movimento.

É...
Palavras (quando bem usadas)
têm peso insuportável!

## Wagasa

Serena noite e cores novas às cortinas puídas.

Da varanda logo se via, à luz da lua, um tom diferente no sorriso das gueixas segurando seus guarda-chuvas (descorados há anos).

Lá fora, as folhas mortas tentaram adubar aquela terra; e a mulher sentada na cadeira de pernas bambas (tão velha quanto ela) assistia todos os dias ao vaivém das palmeiras dançando.

Ela sonhava acordada. Melhor seria imaginar-se florista...
[Bobagem. Não havia jardim florido algum (o período era mesmo de estiagem)]

Na certeza do tempo escasso, ela olhava as cartas guardadas na gaveta da cabeceira. Uma a uma (memórias de quando ainda era jovem).

Fora esquecida. Sem filhos. Sem amigos. Sem família.
[Estava sozinha]

No colo daquela triste artista, poemas jamais lidos por alguém (a não ser por ela mesma e suas caladas companheiras de quarto apoiadas nos cantos da janela).

As mãos escreviam cartas ao seu amado, mas nunca chegaram ao destinatário (belas e antigas rimas).

Olhos cerrados [lágrimas silenciosas banharam (pela última vez) seu *peignoir* de seda estampado].

Chegara o momento da despedida (recolhidas todas as sombrinhas): ela havia partido[2].

[2] Poema que serviu de inspiração para seu romance intitulado *Cartas que Nunca Chegaram ao Destinatário* (2024).

## Óculos

Eles viram coisas demais através daqueles míopes e melancólicos verdes olhos.

No estilo aviador e lentes do tipo “fundo de garrafa”, tinham paúra de voos às cegas (passavam por muitos gafanhotos e ninhos de mafagafos).

Não queriam ter visto nada (nem de perto, nem de longe).

Cansados, eles agora descansam sobre a mesa (as letras se tornaram muito pequenas nos últimos tempos).

As hastes se cruzaram e eles foram guardados na caixa feita sob medida, forrada com fino tecido de veludo preto.

[Olhos fechados]

## Balé

Conheci
Um menino
Dançarino
Que num salto
Bem alto
Mostrou-se
Pro mundo

Certa vez
Quase tirou
Sua vida
Não sabia
O que se passava
Dentro de si

[Mas não morreu. Por sorte, foi só um arranhão e pequeno corte, graças a um andarilho — enviado pelo Divino — que ao pedir que lhe comprasse uma coxinha, o fez rever seu destino]

Voltou para sua Casa.
Compreendeu, afinal, o sinal
E bateu no peito
Lutou bravamente
Contra o preconceito

Ele agora
Segue em frente
Com maestria

Uma nova,
Bela e complexa
Coreografia
[No arco-íris, *Grand Jeté*]

## Hostel

Quem a visse sentada naquela soleira a pensar na vida afirmaria não ter sobrado um pingo de brio naquela mulher.

Ela pensara saber navegar por aquele rio estreito, frio e parado.

Havia algo e muito mais (de) certo (ou errado).

Eram tantos os conflitos que, de sobreaviso, permanecia escudada, ainda que por demais avoada (a lucidez de manter-se em estado de alerta).

Mais fácil seria sentir-se amparada por fina venda.
[Refúgio absoluto]

Via (com os olhos da alma) dor e lamento.

Uma boa dose de desconfiança a mantinha em segurança e assim guardava e aguardava o choro. Não o dela, mas daquele outro balbuciando em seus devaneios.

Muito louco...

Dificilmente perceberia real esperança naquele mundo caído.
Num lugar tão cheio de intemperança deixou-se levar pela frieza dos olhares alheios e estrangeiros (fazia parte do cotidiano).
Ela começou a escrever para disfarçar.

Observou alguém — logo cedo — a orar: um muçulmano em seu silêncio interior (em movimentos repetitivos e palavras do alcorão).

Fê-la pensar. Coisa rara essa tal de fé sem o habitual tom *fake* (*make up*).

Alguns acertos e tantos outros enganos. Pudera! Ela era (e é) apenas um ser humano...

Solavancos.

[Todos ali, no mesmo barco, atravessando (aos trancos e barrancos) um caminho alternativo e peculiar]

## *Glamour*

A morte anda rondando a janela dos nossos quartos
à espera de mais uma vítima.

Ela dança rapidamente,
ao som de Rimsky-Korsakov (*Flight of the Bumblebee*)[3],
enquanto as covas se abrem e se fecham
numa velocidade tão absurda,
que mesmo ela — acostumada a esse trabalho pesado e sujo
de levar os humanos para outro mundo — já não aguenta mais
(os óbitos em massa não têm graça).

Ô azáfama infausta!

Ela passou a achar essa coisa toda muito chata,
sem o *glamour* do mistério que normalmente a envolve.

Ela prefere o silêncio dos necrotérios [onde as marchas fúnebres tocam lentamente o peso das lágrimas (e a dor parece ter outro valor)].

[3] Rimsky-Korsakov - maestro e compositor russo.

## Mona Lisa

Uma só certeza: a de se querer bem a outrem.

Quem dera todos tivessem a mesma oportunidade (de descobrir que ninguém é são de verdade).

Os efeitos colaterais garantem a sobriedade.

À espreita (na surdina), algumas sombras. Como garantia de equilíbrio, drágeas quebradas ao meio em quatro pedaços pequenos de falsa alegria.

Olhar e sorriso enigmáticos.

[Mona Lisa]

Serena noite de sono [mais cedo do que o desejado (mais tarde, algo nunca sonhado)].

Alívio.

## Antagonista

A realidade parece dura, a princípio (parcimônia entre o passado e o tão esperado futuro).

Dissabores (amplificação das rugas habituais).

Receita prescrita, sem data vênia (a cada comprimido dividido ao meio, uma certeza: os dias passam despercebidos pelas cartelas de alumínio).

Efeitos colaterais inexistem (tampouco bons resultados).

Teste de resistência [as mãos inquietas no bolso deixam cair as drágeas de açúcar (alguns microgramas do amor que se foi) guardadas pra mais tarde].

Foi rápido demais.

A pequena caixa está vazia e o corpo padece (entre depressão e euforia).

Dor, sofrimento (mágoas dispensáveis).

Morte súbita (coração partido).

[Doses homeopáticas (com certeza) não servem para nada]

## Entretantos

Suporto em silêncio
Minhas trincas e profundas rachaduras.
[Elas assustam (e machucam)]

À minha volta,
A solidão mórbida
Das bocas tristes e inertes
Dos corpos letárgicos e dispersos.

Todos fugindo de seus medos,
Bem acomodados
Em suas confortáveis almofadas.

Naquela estante empoeirada da sala,
Sou apenas uma peça vã;
Outro inócuo copo quebrado.
[En-tre-tan-tos]

Posto de lado,
Permaneço calado,
Me afogando
Nos vãos e vácuos
Da sequidão
De palavras.

## Disfarce

Ela improvisa um sorriso tímido no canto da boca, exaurindo a ameaça da fala.

Grita a dor da alma. Não discursa — morre por dentro, um pouco, a cada silêncio.

Na tentativa de manter-se sã, ela escreve [há controvérsias (alguém disse que escrever não lhe faz bem)].

As palavras surgem, urgem, dão *loopings*, rugem. Ficam escondidas entre os seus tantos parênteses e colchetes, no ranger dos dentes gastos pelo bruxismo.

A mente não descansa nunca. Parece até bonito e soa um tanto perspicaz a rapidez do seu pensar. Mas ele queima seus neurônios numa velocidade espantosa (viverá dez anos a menos por causa disso, dizia o artigo lido numa tarde de domingo).

Desaba num sono pesado (depois das madrugadas insones) e não se lembra de sonho algum, tampouco os alcança — um exagero de sua parte.

Uma farsa.

Vez ou outra, ela é do contra. Pede para que aquela seja sua última noite e, *a posteriori*, agradece a vida que corre em suas veias.

Ela dispõe seus espólios espalhados em algumas fotos guardadas numa caixa de plástico.

Sim...ela disfarça bem.
[Talvez porque seja verdadeira demais]

*Entre quatro paredes*
*todo silêncio tem seu preço.*

## Conto de Fadas

Em sua mesa de canto,
aquela máquina companheira.
Ela, em seus devaneios.

Na xícara, o café ainda quente.
Três goles, um trago.
Ele, em sua mente.

Papéis sobrepostos,
desalinhados,
escritos,
desenhados.
No quarto, tudo arrumado.

Em disparada, o relógio conta o tempo,
num tique-taque alvoroçado
(e, ainda assim, tão lento...)

Ainda sem jeito,
ela se olha no espelho,
ajeita o cabelo.
Batom na boca,
no tom, a roupa.

[Tudo perfeito]

A campainha toca.

Já na porta, tirando-lhe a camisa,
diz, concisa:

*Entra!*

Na cama...
Ele chega bem perto.
Primeiro, ele tira-lhe os óculos, dando um beijo nos olhos.

Devagarinho,
um a um dos botões da camisa se abrindo.

Outro beijo.
Entre carícias pelo corpo,
vai descendo, num escorregador sem freio, a língua.

Vira-lhe devagar.
O zíper, por detrás da saia, dificulta.
[Ele improvisa (mãos habilidosas, aquelas...)]

Como a segurar uma rosa,
delicadamente a deita.
Mais um beijo a cala (e o desperta).

Agora, já de costas,
sente na pele o ir e vir
daquele que, pouco antes,
a tomava pela boca.

Sem uma palavra sequer,
a fez sentir-se ainda mais mulher.

Depois de tudo, pra variar,
aquele ósculo delicado.

Boa foi a noite.
Dormiram feito anjos, entre coxas, abraçados
(e ainda mais apaixonados).

## Vide bula

Quanto às borboletas no estômago...

Sintomas:
Taquicardia
Adrenalina
Falta de ar
Pulsação latejante
Olhos brilhantes
Tremedeira
Arrepios
Suor excessivo
Dar bandeira
Cantar
Versejar
Rir à toa
Dançar (sem música)

Recomendação:

Relaxar e aproveitar cada momento como se nunca mais fossem voltar (as borboletas), mesmo sabendo que sempre voltam (quando bem nutridas).

São únicas!

Atenção: elas podem aparecer a qualquer momento.

Posologia: Use e abuse disso tudo (sem moderação).

*Ao permanecerem os sintomas, não se preocupe... Sorte sua!*

## Surrealismo

Na paleta,
os corpos
mesclando
as cores.

No godê,
nuances
das curvas nuas,
minhas e tuas.

Da língua,
pincel.

O cavalete,
estrutura.

No cálice,
pela boca
escorre
o mel.

A quase morte
representada
no gosto
meu e teu.

O ápice:
obra de arte.

Da nossa janela,
óleo em tela.

## Reflexo

A música ao fundo nos envolvia.
Olhamos para cima
e nos vimos banhados
pela luz da lua cheia em perigeu.

Algo aconteceu.

Estávamos refletidos um no outro,
como a olhar para um espelho:
a transparência de nossas almas
em perfeita união.

Naquele momento, então,
eu era ele
e ele, eu.

## Chama

Do fogo que atiçamos
O pulsar inflama
Bocas clamam
Sem polidez

No silêncio
Que fala
O falo
A rigidez

Alinha
Invade
Transborda
Avidez

Do encontro marcado
Das nossas almas
[Não por acaso]
Amor se fez

## Preambular

No calor da tempestade torrencial,
cujas lágrimas caiam intensamente
entre carros e corpos na rua,
tudo parou.

O tempo se apresentou como soberano
e tornou-se infinito por um instante.
Entre olhares, o desejo de duas almas
que se encontravam pela primeira vez
e podiam se entregar
como se fosse, também, a única
(última, talvez).

Então, mãos se entrelaçaram,
bocas se tocaram
e os dois, finalmente,
se apresentaram como um só ao universo.
E mais uma... e outra...
(foram tantas e repetidas vezes...).

[Sem arrependimentos]

A simplicidade
do sentimento mais genuíno
se fez presente.
Tudo se tornou insignificante
por um minuto (e por horas e horas).

O barulho da chuva no telhado
interrompeu aquele sonho,
mas o momento marcante e intenso
permaneceu intacto em sua memória.

[Um dia, quiçá, verdadeiro]

## Ávida

Ela pousa na pele.
Nas papilas, o gosto.
Quer experimentar mais um pouco...
A saliva a acompanha umedecendo o corpo.

Ainda sedenta, experimenta outros sabores.
Mesmo calada mantém a palavra.
No prazer que fala:
*Ah, língua devassa!*

## Sol da Madrugada

Estrelas perecem
ante o intenso sol dos teus olhos.

Tudo escurece
quando eles se fecham
(ainda que brilhem permanentemente em mim).

Ela, pragmática
Ele, prolixo

Ela, decidida
Ele, indecisão

Ela, conexa
Ele, desconexão

Ela, amarra
Ele, embarcação

Ela, perdida
Ele, perdição

## Alfombra

Ata-me,
mesmo que te percas
no fio da meada.

Não há nó em nós
[só entrelinhas (em tons destoantes)]
neste barbante ainda cru,
mesclando todas as cores
e nuances de dor.

Mas, acima de tudo,
o amor é feito tapete artesanal
ainda quente;
saindo daquele *tear* em lágrimas,
entrelaçando fio a fio
para nos agasalhar neste frio invernal
(mesmo que haja sol).

## Vórtices

Há pontos comuns entre nós.

[Vértices afastados (lado a lado)]

Nossas pequenas diferenças
numa pressão contínua
(*vórtex* na planície calma do nosso afeto).

Abaladas as estruturas do amparo
(alicerce d'uma construção antes plana e solidificada).

Formas orgânicas desconstruindo
os nossos traços retos.

Caminhos equidistantes.

Alguns esboços
não dispensam escalímetros.

Sem perspectivas,
somos arquitetos (sacrílegos)
perdidos nas plantas baixas.

[Croquis (sem refinamento) não precisam ser preservados]

## Analítica

Tudo seria um grande engano não fosse certa teimosia.
[Dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço]

Recapitular cada palavra e gesto e ter a ousadia de observar as coisas por outro ângulo (raso, agudo, obtuso).

Ponto de origem: começar do zero e, neste caso, sem qualquer par ordenado: a distância incongruente entre um ponto e outro.

Primordial é ter consciência e achar o centro da circunferência — sem compasso isso seria mesmo impossível. Ou então permanecer num segmento de reta, certo de que se vai chegar a algum lugar (ou nenhum).

Não faria sentido se perder pelo caminho. É dominar (ou pelo menos se ter noção de) álgebra e geometria e estar preparado para todas as variáveis.

[Matemática pura]

## É Verdade...

O rosto posto de lado e o olhar vago.

O que será que ele pensa de verdade?

É a verdade que diz tudo, mas não fala nada — é só da boca pra fora.

E verdade seja dita:
a palavra fica perdida
bem na hora da rima.

Ele permanece sentado na cozinha.

*É verdade...*

Tudo perde o sentido
quando o *funk* rola lá fora.
[A conversa jogada fora perde o ritmo (também não rola)]

É verdade. Fica sem clima.

No fundo, no fundo, nem ele sabe o porquê. Quando sua mente viaja pra outro lugar, o único argumento pra rebater o silêncio é dizer a frase (de praxe):

*É Verdade...*

[Só pra não deixá-la no vácuo]

## Nanquim

Às claras.
Palavras escancaradas (impressas).
Meras,
certas,
retas,
diretas.

[Deveras pérfidas]

A boca, ainda que aberta, respeita o momento (o silêncio da noite que folheia as horas).

Os olhos imersos no fundo do rio que transborda às margens de uma frase bem escrita.

Pranto transformando letras (desenhos precisamente delineados que ilustram o sentimento) que se desmancham na aquarela em preto e branco.

Gotas d'água (lágrimas salgadas) misturadas ao nanquim usado pra escrever o que jamais deveria ser verbalizado: *Eu te amo!* — quebrando o encanto.

O livro se fecha [aquelas páginas jamais serão as mesmas (ficaram encharcadas demais depois da enxurrada)].

## Oásis

Deserto.

No asfalto molhado e ainda quente, a impressão de se derreter por dentro. Estranha sensação. Pareceu-lhe sair da película d'um filme ultrapassado (ou enfadonha novela mexicana).

Um cenário precariamente montado. De um lado, a mocinha. Do outro, o vilão [ou vice-versa (mas cuidado: neste caso, a ordem dos fatores altera o produto)]. O vagão onde estavam fora descarrilado. Trem desgovernado (foi o que constou no filme de quinta).

Em frente à TV, permanecera sentada naquele sofá esfarrapado pelas garras de sua gata. Cansada de prestar atenção às tantas barbáries, deu fim àquela estridente voz.

Um telefonema inesperado: encontro marcado para às quatro horas da tarde. Pareceu-lhe, por um instante, tudo mais bonito e colorido.

Engano. Finória miragem.

[É preciso saber observar com parcimônia o caminhar da chuva]

*Você merece!* — assim ele disse a ela. Frases severas.

Talvez ele quisesse reproduzir a cena d'um filme de quinta, visto por ela um dia antes do acontecido. Ela havia sido atropelada e jogada para o outro lado da rua (como se um trem tivesse passado por cima).

Ele, por sua vez... intacto! Sem se importar em saber ao menos se ela estava bem ou não, avançou o sinal vermelho. Escafedeu-se o *cabra-macho* sem valor.

[Ele gargalhava em silêncio]

A moça permaneceu estendida no chão. De repente, em *slow motion,* ela se levantou. Atordoada, olhou para um lado, olhou para o outro... Demorou algum tempo para entender como surgiram as marcas em seu corpo.

Ao som da madrugada, parada no farol da esquina em frente à farmácia, ela caiu em si.

É... a vida é feita de boas e más escolhas.

Os pés (descalços na areia batida) moldados (na simplicidade) sentem o peso do corpo cansado.

Olhos baços.

O tom *fake* em preto e branco se dilui na tela (nuances cinzas e pastéis).

Ele percebe (de repente) algum lugar além do arco-íris[4] (o paraíso só existe nos filmes de cinema).

As cadeiras estão vazias e o protagonista se senta angustiado (não há prazer algum em causar sofrimento ao ser amado).

Conhecer a si mesmo é imprescindível (e menos dolorido).

[Evita ruídos]

Trabalho película a película.

Com o passar do tempo, as cores se tornaram mais quentes [usados os devidos filtros e lentes (de contato)].

[4] *Over the Rainbow*, de Harold Arlen com letra de Yip Harburg. escrita para o filme *O Mágico de Oz.*

## Película

Enxugo as lágrimas naquele guardanapo de papel
[ou no lenço de seda (tanto faz)].

Não sou mais capaz de enxergar com nitidez
as belas e tristes histórias.

Rebobinaria a fita (pra cortar alguns trechos) e, ainda assim,
não o veria com uma flor na mão — de joelhos — a me pedir perdão.

Na vida real, como protagonista, o medo (sempre um grande vilão).

Com ele é simples assim:

*Gran finale* e *c'est fini.*

[Sem final feliz]

*The End.*

*[C´est la vie]*

## Inolvidável Amor

Ao intenso ano

Às lembranças de lugares diversos (guardanapos)

[Aos pequenos passos]

Às noites sem sono (e longas horas de conversa)

Aos tantos beijos e abraços (entrelaços)

Às mãos dadas (e ternos afagos)

Inolvidável amor

A tudo que foi e (já) não é

[Aos dias que foram (e pensamos ser) eternos]

## Nova Pele

Existiam certos movimentos,
aleatórios, porém contínuos.
Um vai e vem cíclico, oscilante,
destoando do cotidiano,
reverberando e dominando os pensamentos.

Causava desconforto.

Desconfiança
(a mente trabalha em prol das verdades escondidas).

[Súplica (não foi por falta de aviso)]

A ruptura emergente
a fim de manter a sobriedade dos sentimentos
e do que realmente valia a pena (a paz interior).

A omissão dos fatos
foi corroendo um sentimento puro,
tecido em fios de ouro
(a mentira nunca é bem-vinda).

Sempre a velha ferrugem como um paradoxo
(ela surge naqueles que não são de ferro).
Os dias tornaram-se difíceis.

[Inúmeras lacunas]

Tarde demais...
O desgaste é como uma ferida aberta:
precisa de uma nova pele.

## Inevitável

Cada vez que penso em você,
eu sei:
teria sido lindo
se tivéssemos tido
uma vida, juntos...
Nosso amor era único!

Reclusa,
fecho meus olhos
e ainda encontro
cada uma das marcas
de seu rosto.

Como era bom poder tocá-lo.
Como era bom sentir seu corpo...

Por que tivemos que ser tão duros?
Por que estragamos tudo?

Não ter você aqui agora
que as horas passam rapidamente... é difícil.
Tudo parece sem sentido.

Tentar tirá-lo de minha mente dói.
Dói muito.
Mas é preciso.

## Juízo[5]

Deixar mais bonito o que de feio há
(eufemismo usado não tapa os buracos).

A verdade é dita, SEM PAPAS NA LÍNGUA
(ainda que doa aos ouvidos e esmague o coração).

[Uma explosão de granadas]

Depois de tantos rombos e estilhaços,
ela aceita, de bom grado, o veredicto:
*não acredite em contos de fadas.*

[Indulto]

[5] Adrede: paráfrase de seu poema *Sentença*.

## Verde Musgo

Chega-me de forma inesperada
a lembrança do meu pé de jasmim perfumado.

Todos sempre foram rendidos pela sua beleza.
Com tristeza e certa nostalgia lembro-me do tempo
em que o regava e esperava — pacientemente — vê-lo florescer.

De repente, tudo ficou escuro.
A noite tirou-me o brilho das manhãs de outubro.

Mas ele... ele sempre esteve lá
[longe e altivo em seu verde musgo].

Pares desfeitos
[desavenças entre quatro paredes].

Restaram-me, apenas, as avencas.

## Torrentes

Palavras escritas
Paralelas às minhas
Não exatamente
— Nem quase —
Só rentes
— Similares —
[Fractais]

Por trás das linhas
Nas entrelinhas
[Por entre (e sobre) elas]
O que vem de dentro
[Torrentes]

Volta e meia
Dá meia volta
E volta
Do nada
[Reverbera]

Num ciclo intermitente
Suavemente cai
E se esvai
Como flocos de neve

## Desvalido

Eu o amei e o amo.
No entanto, fico me perguntando:
que amor é esse que dói tanto[6]?

Um amor que não sabe lidar com suas implicações.
Um amor que constrói e destrói.
Um amor sem perdão, cheio de mágoa e amargura,
que mesmo se utilizando de tantas palavras
não é capaz de ser traduzido.

Um amor que aponta o dedo para os erros
e esquece a que veio: trazer um pouco de leveza.
Um amor permeado de medo, sem freio,
que deixa se levar pela correnteza.

Mar revolto, cujas lágrimas são seu pano de fundo
— ele afunda (mais e mais) a cada suspiro.
É cruelmente massacrado pelos seus antônimos
[novamente (e de novo)].

Um amor neutralizado, imerso, preso no anonimato,
covarde e desprovido de caráter.
Sem valentia, apenas porque prefere viver sozinho
a ter que lidar com seus resquícios e respingos.

E assim, infelizmente, por não ser reconhecido,
fica à deriva (à míngua).

Sem brio (sem valia).
Um amor que vive [morto].

[6] Verso cocriado a partir de uma troca de ideias com um poeta.

## Intacto

Pra cada um deles, ela se entregou.
Eles se apaixonaram. Ela se apaixonou.

Não estava sozinha
(os carregava consigo).

Músicas e perfumes; traição e ciúmes.
Mãos dadas, agasalhos, passeios na orla da praia
(e porradas).

Tudo intacto. Todos os pactos,
enquanto a vida escorria pelas suas mãos.

Seguiu na contramão.
Perdeu-se na ilusão de achar que bastava
aguardar
que n'algum dia tudo voltaria pro seu lugar.

Fazia sentido... Até que despertou.

Não bastava passar um pano seco,
tirar o pó, levantar o tapete e esconder a sujeira.

Por isso vive aprendendo
com seus erros; com os pés na areia,
enquanto o vento leva embora todos os castelos
construídos nos moldes tortos e disformes.

Passou da hora.

Perdeu *o feeling* [os baldes foram jogados fora].

## Quem é você?

Penso ser,
mas nunca fui
ou serei
livre.

Não, enquanto
não encontrar você,
o amor que nunca tive.

Seja você quem for,
um dia hei de encontrá-lo
(e olha que não quero
nenhum príncipe encantado...).

[Mas o que estou dizendo?]

Quero, sim, alguém perfeito.
Perfeito para mim,
em suas imperfeições.

Que aceite meus erros
e os tenha também.
Que seja leve...

Entre erros e acertos,
juntos e apaixonados
para todo o sempre
("até que a morte nos separe" já serve...).

Quem é você, eu não sei.
Só sei que eu te amo
há tempos.[7]

[7] Inspirado na série *Diários de um Vampiro*.

*Com o invisível, a luz em silêncio:*
*Não se cobre,*
*Nem se culpe:*
*Mude.*
*[Das palavras às atitudes]*

## Saída de Incêndio[8]

Lá estava ela, falida, no vigésimo quinto andar do prédio onde morava. A vista era linda, a perder de vista — uma típica relva de pedra. No fim do mundo, perdido entre nuvens, o chamado Pico do Jaraguá.

Sem saída, em passos lentos, aproximou-se do parapeito. Num gesto rápido — agora naquele meio metro quadrado de estabilidade —, abriu os braços e o vento abraçou-lhe o corpo. Viu a ponta dos seus pés e a avenida iluminada pelos carros que passavam sem percebê-la.

Respirou fundo: sua vida inteira, lentamente, em super-8. Silêncio absoluto. Sentiu imediata vertigem. Preferiu fechar os olhos.

Virou-se e, sem pensar, perdeu-se no ar.

Desabotoadas, as pálpebras salgadas; e ela ali, ainda. Não fazia ideia de quanto tempo havia transcorrido, mas estava intacta e sem ossos quebrados.

Levantou-se abruptamente.

Sorrindo para o sol — que parecia um tanto tímido no raiar do dia e a cumprimentava sem julgá-la —, não olhou pra trás. Destrancou a pesada porta corta-fogo e desceu correndo as infindáveis escadas, até chegar em Casa.

[A menina dentro de si não permitiu seu voo às cegas (e sem paraquedas)]

[8] Conto selecionado para compor a coletânea do Prêmio Off Flip de Literatura (2022).

## Gutação

Há uma flor murcha
no vaso esquecido (cheio de limo).

Terra árida.

Beleza jaz pálida.
[Caule seco (folhas caem, uma a uma, solitárias voando pelo jardim)]

Despercebida, ela ainda respira lentamente.
Água da chuva (mansa) sobre suas pétalas
parecem gotas de orvalho da manhã.

Gutação limpa as máculas (marcas acinzentadas).
Não disfarça mais seu passado na lama.
Exsuda a seiva pelas feridas abertas
[cicatrizes (quase) eternas].

De repente, ela desperta.
Linda novamente.
Sua cor voltou a encantar os olhos
de seu fiel Observador.

[Só o verdadeiro amor crê no impossível (eis o milagre da vida)]

Ela acredita.

## Salto

Quero dias simples, como aqueles em que vivi até os meus trinta (e tantos).

Deveria ter ouvido as vozes de meus pais (lá atrás) sobre o real significado da palavra paz e as (duras) verdades do mundo.

Eu lia nas entrelinhas e sabia distinguir valores absolutos [sim é sim (e não é não)].

Afastava-me de quem queria me dar o pão em troca de algo tão caro, e agradecia (de bom grado) aquele que me estendia a mão sem ter que dar o troco (fazer-me de toco enfincado na terra ou dar de cara com a sarjeta).

[Odeio gorjetas]

Assumo os erros, encolho os ombros e engulo o choro, e (finalmente) o pesadelo se encerra.

O preço foi alto [ouro de tolo (andar de salto)].

Hoje, se não tenho muitos vinténs, pouco importa [afinal, sempre gostei da mistura de jeans e batom com o bom e velho *All Star* (evita calos)].

Neste meu novo caminho encontrei valioso tesouro [liberdade, ainda que tardia (resgate da antiga e digna história de vida)].

Prosperidade.

Agora ando sem medo [sem torcer os tornozelos (e sem atropelos)].

## Espelho

Aquele vestido já velho e desbotado
aguardava aquela jovem.

Ela o vestia todo santo dia.
Tomava forma naquele corpo ainda esguio.

No espelho, a cor era outra...
Nem o alinhavo da barra aparecia!
Era só o que tinha
(e sabia que assim seria por um longo tempo).

Não era a vestimenta a fazer diferença,
mas, sim, o que ela via (em si mesma).

## Em Linha Reta

Nos ponteiros do conta-giros, a velocidade é precisa.
É hora de mudar a rota dessa montanha-russa.

Fragmentos (tudo parece de ponta-cabeça).

Tome nota: agora, a vida urge (portanto, nada de *loopings*).
Ela corre em linha reta [em tempo real (e sem freios)].

## Degredo

Estás a me observar (em teu silêncio).

Cala-me a boca (imponente tormento).

Aprendi a respeitar-te, companheira de tantas (e longas) horas.

Permita-me que eu te desfrute (ah, mas nem tanto que, em meu pranto, me consumas).

Não me deixes exilada em teu gosto amargo (só o bastante para que eu possa em verso e rima chamar-te), ó solidão!

Fiel, crua (e tão cruel) parceira.

Em ti, eis (também) o meu despertar.

## Recobro

Os braços da mulher
que um dia fora jovem
não têm mais a força
de segurar o mundo como antes.

Seu corpo incita calma e paciência.

Não é mais criança...

Demorou pra perceber
que passado é passado
e que sonhos existem para serem realizados
(a despeito do tempo e da idade).

Assim é a vida. Ela te convida à reflexão
mesmo que possa parecer tarde demais
(nunca é).

As chagas secaram
(mas há muito trabalho pela frente).

## Aflora!

Noite escura em paz.

Sono tranquilo
(ainda que tímido)
preenche os espaços vazios.

Atravessa ilesa.
Tão poucas horas de respiro...
Ainda assim, alívio.

Sonhos se transformarão
em versos à flor do cerne.

Sobreviveu ao inimigo
(sua presença em gotas de sal).
Escorria pelas têmporas
o calor de quarenta graus dos últimos dias.

A luz d'aurora a acorda
e os lampejos da solidão de outrora
foram embora.
Ela sente a brisa e o dançar do vento.

Fim daqueles tempos.
Todas as lágrimas de suor estão secando agora.

Grande encontro.
Carinho suave e bem-vindo lavando o seu rosto:
água doce.

## Futuro do Presente[9]

Nada a reclamar (a vista para o mar já é coisa do passado e a tela de ferro da sua janela a protege dos mosquitos, vermes e ventos uivantes que antecedem a chuva).

A paisagem é outra [sem os telhados como primeira visão da noite (sem varandas para respirar o ar fresco das manhãs)].

O que vê agora são as mães levando seus filhos para escola. Entre choros e esperneio sem lágrimas, a manha exasperada já sabida e esperada e o barulho dos carros sendo acionados para mais um dia de trabalho.

Uma cortina de fumaça (areia nos olhos) da obra ao lado. Tantos e incontáveis edifícios à sua frente (onde o silêncio é raro) ...

Não fosse um muro a dividir sua casa daquele caos, diria estar dormindo na rua (e, a parede, mero papel de parede).

Ainda assim, o lugar mais seguro e o melhor de todos os outros em que já estivera. Único e exclusivo canto (forte, simples e humilde).

Pregresso. Fora do controle, o tempo remoto, marcado pelos erros graves d'uma dúzia de anos (bem mal contados).

Não há de existir alguém capaz de a tirar do posto conquistado (o gosto de ser dona de si mesma).

[9] Poema finalista do II Concurso de Poesias da AML e I Prêmio Internacional de Poesia "Rubens Luiz Sartori" - faz parte de sua coletânea.

Um futuro do presente simples do indicativo [com final digno].

## Apenas uma estação

Minha alegria e energia
causam zelotipia
ou qualquer outro nome que se dê (ou que o valha).
Estranho e tão recorrente...
já deixou de ser surpresa.

O cerco se fecha e laiva o ar.
Ele está mais denso,
mais pesado – superficial (quase irrespirável).

Não. Eu não me encaixo nas frivolidades.
Há uma sede por outra coisa,
algo maior, mais verdadeiro.

É inevitável:
recolho-me ao meu casulo
onde a visão se torna mais clara
e posso me proteger de tudo:
dos olhares de ódio,
de desaprovação e raiva.

Meu silêncio é movimento.
É criação.

Longe de vespas caçadoras,
eu, completa e completamente livre,
sou abelha solitária,
mas não vivo à mercê da solidão.

Ser abelha-rainha nunca foi uma opção.
Eficiente e eficaz,
sou polinizadora (e das boas...).

Quero muito mais!

## Ir

Abro mão de tudo aquilo
que não é meu.

Deixo ir pensamentos,
sentimentos...

Apenas um “não!”
já basta e afasta
coisas e pessoas nefastas.

[É fato (parece milagre!)]

Passado é passado.
Não faz parte
do presente imediato
(obviamente).

Dar conta dos próprios atos.
Sim, eu tento...

É apenas um resquício,
um pequeno resíduo
que eu limpo e sigo.

O futuro está aqui,
a um passo de mim,
a um milésimo de segundo daqui.

Tudo uma questão de ação
[e tempo].

## Tempo

Respeito tudo o que guardas (em mim).

És como presente.

Mostra-me as marcas do passado e o futuro embarque.
[Quem sabe?]

Dizes que temos tanto tempo quanto tu tens, tempo.

Eu acredito (sei que o melhor está por vir).

É por este motivo que estarei sempre aqui (à mercê de ti).

Passo
Outro passo
Paro
Passo
Lento
Passo
Apressado
Passo
Longe
Passo
Perto
Passo
Aqui
Passo
Aí
Passo
Sempre
Passo
(em mim)

## Morada

Era tanta pressa... Tinha urgência da vida, de viver.

Foi quando Ela me pediu:
*Espere! Mais devagar! Não perca o passo... Respire!*

Eu, contrariada, mal dei ouvidos:
*Que lentidão... Assim, não dá, não!*

E Ela continuou:
*Tudo a seu tempo... Sinta o vento! Ele muda constantemente de direção. Permita que ele te leve!*

Já cansada, humildemente ouvi Suas palavras e perguntei:
*Qual caminho devo seguir?*

E Dela, mais outra inquisição:
*Aonde quer ir?*

Não respondi.

Meio século depois, finalmente, aprendi a lição. Chamei por Ela, que nada disse ao olhar pra mim. Eu, porém, verbalizei em alto e bom som (pra eu mesma ouvir):

*Quero ficar aqui, calma e tranquila, sem furacões que possam vir a destruir minha morada. Minha Casa é sagrada e nela só entrará quem estiver pronto para viver de verdade.*

Agora, todos os dias ao despertar, Ela abre as minhas janelas e diz: *Bem-vinda ao seu Lar!*

**Novos Ares**

Não se trata de fuga.

Parto com o vento e não sei se ele voltará a rondar por este imenso oceano com seus exuberantes colares de espuma.

Despeço-me deste mar que um dia me fez (e faz-me) não parar de amar.

Recomeço [digo adeus aos queridos amigos (os guardarei sempre comigo)].

Deixo algumas marcas e, quem sabe, tão boas que sejam suficientes para que sintam saudades do meu livre sorriso (sulcado há tempos na areia quente).

Alguns laços eternos esperam breve retorno (que não seja uma longa ausência).

Que desta semente surjam bons frutos (e que sejam colhidos já maduros).

O futuro é incerto (tanto quanto o presente que me faz perder a hora).

Estarei sempre por perto até que me reste, apenas, um fiapo de voz (nem tão jovem, nem tão velha que esqueça as minhas memórias).

## Trilha

Alguns discos riscados
Fitas enroscadas
(Tão enroladas)

Músicas pulando
Se repetindo em meu coração
Como um grito
Sussurrando
Aos meus ouvidos

Algumas dizendo
(E eu ouvindo)
Nada foi em vão
Amor, agonia
Tensão, paixão
Dor, sofreguidão

Outras ainda virão
Pra completar
A gravação

Assim feita, refeita
Sempre inacabada[10] é
A minha canção.

[10] Análoga ao poema *Parénthesis*, do livro *Cotidiano*, da autora.

## Folha em Branco

Sintonize o olhar
(vá devagar).

Complete-me
até que eu peça para parar
e, ao término desse rascunho,
leia e releia
uma linha de cada vez.

Respire.
Tudo será aliviado
com o peso da sua caneta
(a tinta encharca os olhos e escorre pelas mãos).

Não tenha medo de me amarfalhar:
eu abraço todas as palavras
que, porventura, você deixar.

Tudo bem. Vire a página.

Agora, sou outra folha em branco.
Absorverei a parte ilesa dos seus versos
e todos os diversos borrões
que fazem parte dos seus pensamentos.

Faça de mim algo importante
[não me deixe guardada, amarelada,
escurecida (e esquecida) pelo tempo].

Eu tenho vida.
Sou matéria-prima e sinto a sua alegria e dor.

Eis aqui uma amiga que lhe acompanhará
em todas as viagens (seja para onde você for).

## Moto-contínuo

Algumas folhas em branco
naquele pequeno caderno já velho.

Lembrei-me dos antigos rascunhos
escritos (de próprio punho).
Estavam guardados no baú do quarto.
Eu os tinha de cor e salteado.

Preferia escrever
sentindo o cheiro de tinta azul
(nunca foi bem esta, a cor).

O tempo anda escasso
[não há mais espaço pra este capricho
(supérfluos devem ser jogados no lixo)].

Ela, obsoleta máquina,
sempre me esperou.

Jamais usei todos os dedos.
Bastavam-me todas as letras.
Delas, as minhas palavras-chave
[frases redigidas (compondo a vida),
substituídas por outras tantas (fidedignas)].

O cursor suplica por descanso.
Fato é fato (não hipotético):
não paro de pensar
[ele tenta me acompanhar
(mas meu movimento é perpétuo)].

## Inteligível

O que fazer com tantas vírgulas
em minha vida?

As reticências
de mim duvidam...
Então, sigo com minhas interrogações.

Por que perder tempo
com um ou outro ponto e vírgula?

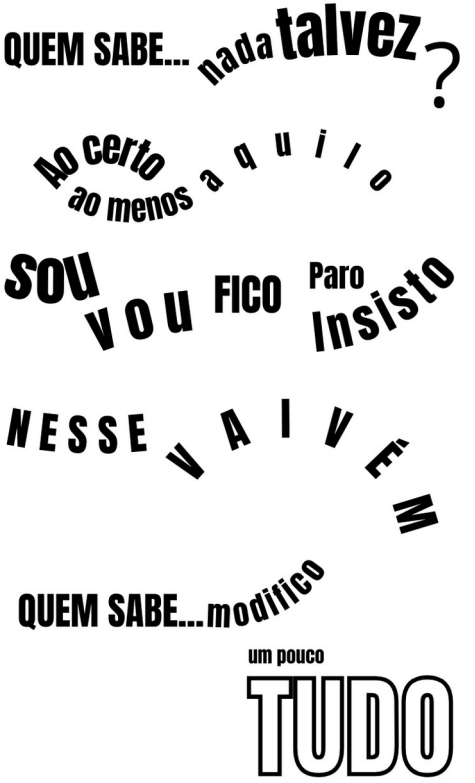
Abro meus parênteses,
passo pelos travessões
— que atravessam meus pensamentos —
e aqueles imperceptíveis dois pontos
me obrigam: *viva!*

É quando tenho certeza
de que minhas exclamações
têm sentido!

[Eu sorrio e pulo uma linha]

Estou pronta
para mais alguns parágrafos, afinal.

Viro a página,
e só Deus sabe
quando será a hora
do ponto final.




Este livro, composto na fonte Perpetua 12,
foi impresso em papel pólen soft 80g/m$^2$.
Louveira, 2025.